

POR UM PENSAR COMPLEXO DO TURISMO:

## O roteiro turístico sob a lógica dos fluxos

THE NEED OF A COMPLEX THOUGHT:

## The itinerary tours under the flow comprehension

Rebecca Cisne<sup>1</sup>

**Resumo:** A compreensão contemporânea de ciência leva a pensar em rupturas de um paradigma determinista, unificador e generalista. Baseado no pensamento moriniano sobre o pensamento complexo, este artigo debate o Roteiro Turístico, trazendo o Sujeito para o centro da discussão, agregando ao tema uma vertente humanística, assim como a ideia de fluxo. A complexidade é tomada como uma postura epistêmica filosófica, para fundamentar teoricamente os argumentos apresentados. Busca-se uma noção de roteiro e roteirização que transcenda as fronteiras do moderno e do pragmático. Roteiro turístico é aqui considerado, dentre outros, como ferramenta de leitura da localidade visitada, considerando não apenas os atrativos, mas também as relações interpessoais ali desenvolvidas.

**Palavras-chave:** Turismo. Roteiro Turístico. Complexidade. Sujeito. Fluxo.

**Abstract:** The contemporary understanding of science leads us to think of a break on the deterministic, generalist and unifiers' paradigm. Based on a Morinean complex thought, this article argues about itineraries tours, to bring the touristic being to the center of the discussion, in a humanistic approach, as well as the idea of the flow. The complexity here is taken as a stand-epistemic philosophical theory to the support the arguments presented. The aim is, from the idea of itinerary and its planning/execution, to transcend the boundaries of the modern and pragmatic practices. In this way, itinerary tour is taken here, among other views, as a tool to read and understand the locality visited, considering not only the attractive, but also the interpersonal relationships developed in the touristic place.

**Key-words:** Tourism. Itinerary tours. Complexity. Touristic being. Flow.

---

<sup>1</sup> **Rebecca Cisne** – Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul; bacharelado em Turismo pelo Instituto de Estudos Superiores da Amazônia. Atua como docente da Faculdade de Comunicação, Tecnologia e Turismo de Olinda-PE

## PARA INTRODUIZIR:

### A COMPLEXIDADE MORINIANA PARA A COMPREENSÃO DE ROTEIRO TURÍSTICO

A filosofia que norteia o pensamento complexo baseia-se na ordem, desordem e organização. Da desordem apareceriam os princípios de ordem, podendo-se entender, assim, que o mundo se organiza ao mesmo tempo em que se desintegra. Isso não significa dizer que a desordem ocupe o lugar da ordem, mas revela o jogo entre a ordem, a desordem e a organização (MORIN, 2001, p. 493). É dentro desse princípio de dialógica que esta reflexão se insere, considerando também a dialética, ao passo que as noções de ordem e desordem rejeitam-se ao revelarem-se antagônicas e, a princípio, contraditórias; mas, ao se organizarem, revelam-se complementares para a concepção do fenômeno. O questionamento que a Complexidade coloca é sobre o “como conceber a relação específica daquilo que é ordem, desordem e organização?” (MORIN, 2001, p. 47). Dentro do exposto e, ao exemplo de Morin, traz-se aqui a seguinte questão: Como se daria a relação entre Roteiro Turístico Moderno, Espaço, Tempo, Tematização, Sujeito, Tecnologia e Roteiro Turístico posmoderno?

A possível resposta a esse questionamento é buscada em Morin (2008). Para chegar a essa resposta, a análise buscará a compreensão dos fatores que teriam levado à superação das reduções científicas, principalmente pelo fato de, em publicações anteriores, a autora ter enfatizado a negligência acadêmica, quando relega a compreensão de Roteiro Turístico ao entendimento do senso comum. A necessidade de (re) pensar esses fatores de redução científica está exatamente na justificativa de ter classificado as concepções de Roteiro Turístico como reducionistas.

A redução científica, no caso, pode ser observada na restrição de Roteiro Turístico à contingência de cronograma de viagens. Para repensar esse olhar reducionista,

busca-se apoio no conceito de superação da desordem que, segundo Morin (2001), apoia-se em estudos da Física Quântica, que apontaram para a necessidade de tratar a desordem e de negociar com as incertezas, anulando o pressuposto de certeza absoluta atribuída à ciência. Seguindo esse raciocínio, Morin (2001, p.495) afirma que “os dados são, pois, certos em condições espaço-temporais limitados. Porém as teorias não são certas. As teorias científicas podem sempre ser refutadas pelo aparecimento de novos dados [emergências] ou de novas maneiras de os considerar.”

Além disso, aqui também será abordada, de forma ensaísta, a necessidade de trazer para os debates do Turismo as reflexões em torno dos fluxos, contribuindo para uma compreensão contemporânea do Roteiro Turismo. Para tal, acrescentam-se às categorias tradicionais<sup>2</sup> (Tempo, Espaço e Tematização), duas outras, vistas como constitutivas do momento contemporâneo: Sujeito e Tecnologia. Para este artigo, considera-se existir uma emergência latente a uma compressão de Roteiro Turístico que acompanhe as demandas de sujeitos cujas sensibilidades navegam no século XXI. A idéia de emergência é apoiada, também, em Morin (2001). Segundo ele, o todo tem um determinado número de qualidades e de propriedades que podem não aparecer nas partes quando essas estão em separado. Disso surgiria a noção de emergência, como aquelas qualidades e propriedades constitutivas da organização de um todo, que surgem quando da integração das partes (MORIN, 2001).

Isso posto, dentro da presente proposta têm-se como emergência as novas sensibilidades

---

<sup>2</sup> Para mais detalhes sobre nossa postura em relação às categorias tradicionais e contemporâneas de Roteiro Turístico consultar CISNE, R.; GASTAL, S. A produção acadêmica sobre Roteiro Turístico: um debate pela superação. In: Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 6, 2009, São Paulo. **Anais**. São Paulo: Aleph, 2009.

de Sujeitos, alteradas frente ao paradigma das Tecnologias da Informação, gerando percepções de Tempo<sup>3</sup> e de Espaço<sup>4</sup> diferentes das Tradicionais e das Modernas. Observando o Roteiro Turístico como cronograma de viagens, portanto, como organizador de atrativos no Tempo e no Espaço, considerando também a emergência de novas sensibilidades relacionadas a tais

<sup>3</sup> No pré-turismo, vivia-se um tempo marcado pelas estações do ano, cada estação tinha uma gama de significado para o Sujeito Nômade. Tempo de plantar, tempo de colher, tempo de sair em retirada para terras mais seguras, menos frias, que provesses o alimento. O período do Turismo Industrial impõe uma nova lógica temporal. O tempo passa a tomar uma dimensão cronológica e seus efeitos no Turismo passam a ser vistos na sua relação direta à tecnologia dos meios de transporte com o espaço a ser percorrido. A percepção cronológica do tempo fez com que, nesse período de Turismo Industrial, tivesse sua mensuração relacionada à velocidade de transposição do espaço, da mesma forma em que a eficiência dos transportes era mensurada pela sua capacidade de transcorrer maiores distâncias em menos tempo (CISNE, 2010).

<sup>4</sup> No Pré-Turismo o homem percorria o espaço a seu próprio tempo e sem mediações externas, apesar de há haver a iminência de uma tecnologia, ainda rudimentar aos parâmetros atuais, mas que dava ao indivíduo nômade a possibilidade de percepção do espaço percorrido. Com o Turismo Industrial, com o advento das técnicas que impulsionaram o desenvolvimento dos meios de transporte, o homem deixa de perceber o percurso. Emerge a idéia de que percorrer um espaço seria algo sofrido. A velocidade dos transportes surge como resposta a esse sofrimento. Procura-se eliminar, apagar a sensação de se estar percorrendo um espaço. O espaço, nesse período, é simplesmente vencido pelo viajante. Já no Pós-Turismo, a definição de longe e perto é totalmente relativa e presa a percepção, ainda que continue relacionada à velocidade dos meios de transporte, mas também dos meios de comunicação e das tecnologias da informação. O espaço, hoje, deixa de ser mensurado por escalas espaciais e passa a ser mensurados também pelo tempo. Além disso, no momento contemporâneo abre-se espaço também para se falar em espaço virtual (CISNE, 2010)

dimensões, desordena-se a estrutura do pensamento de Roteiro Turístico sob a perspectiva cronogramática.

#### **TURISMO E MOBILIDADE: DO PARADIGMA DA SIMPLICIDADE AO PARADIGMA DA COMPLEXIDADE**

Quando se fala em reducionismo, tem-se como fundamento o que Morin (2008) denomina como Paradigma da Simplicidade, ou seja, o conjunto de princípios de disjunção, de redução e de abstração; portanto, a redução do complexo ao simples ou, no caso do Turismo, a redução do fenômeno ao produto. É dentro desse contexto que a produção teórica no Turismo, salvo alguns pioneiros contemporâneos, tem sido calcada no Paradigma da Simplicidade, um conjunto de princípios, de disjunção, de redução e de abstração, o qual foi formulada por Descartes ao separar ciência e filosofia, colocando como princípio de verdade as ideias “claras e distintas”, ou seja, o próprio pensamento disjuntivo (MORIN, 2008).

Essa redução do complexo ao simples teria surgido de uma proposta para remediar a disjunção no Turismo, quando suas produções têm como vertente dados meramente quantitativos (MOESCH, 2002). O que reforça a ideia de que, nesse campo, a redução do complexo ao simples se dá quando ele é ignorado enquanto fenômeno, para ser analisado apenas pelo viés econômico, atribuindo-lhe um valor de produto/mercado.

Defende-se, então, que o tratamento epistemológico do Turismo seja acompanhado de um pensamento complexo, a fim de buscar cada vez mais a compreensão do fenômeno em sua totalidade, embora se reconheça que a própria filosofia da complexidade esteja calcada na incompletude de todo conhecimento, reconhecendo-se, assim, que ele jamais estará acabado.

Morin (2008) também fala sobre a mutação no conhecimento. Esse estaria cada vez menos preparado para ser refletido e discutido pelos espíritos humanos, e cada vez mais preparado para ser incorporado às memórias informacionais e manipuladas por poderes anônimos, nomeadamente aos Estados, constituído por certo tipo de relação lógica extremamente forte entre noções mestras, noções chave e princípios chave.

Tendo o Turismo como exemplo do exposto, tem-se um fenômeno social – mobilidade humana – que é ao mesmo tempo um fenômeno econômico – gerador de emprego, renda, crescimento econômico e, se bem planejado e gerido, pode proporcionar desenvolvimento. As duas realidades do Turismo, econômica e social, quando olhadas pelo Paradigma da Simplificação, os obrigam a serem analisados separadamente, reduzindo o Turismo ou à atividade econômica ou ao fenômeno social; ou, ainda, reduzindo o mais complexo, fenômeno social, ao menos complexo, atividade econômica.

Já o paradigma da complexidade, por sua vez, os vê como parceiros, ainda que a primeira vista antagônicos, mas um não existindo sem o outro; no jargão administrativo/gestor, dir-se-ia que não haveria desenvolvimento social sem crescimento econômico. Portanto, um é simultaneamente o outro, apesar de tratados – econômico e social – por termos e conceitos diferentes.

#### **TURISMO: FENÔMENO COMPLEXO**

A complexidade da relação ordem/desordem/organização surgiria quando se verifica empiricamente que fenômenos desordenados são necessários em certas condições e em certos casos, para a produção de fenômenos organizados, que contribuam para o aumento da ordem (MORIN, 2008). A ordem administrativa é mais desenvolvida que a ordem das ciências

sociais; é uma ordem que se desenvolve para evitar erros, para evitar a desordem, para abstrair o imprevisto; por outro lado, o mundo das ciências sociais tolera e comporta a desordem com mais facilidade do que as ciências administrativas, pelo próprio princípio da administração de trabalhar para a não evidência do não-planejado, buscando lidar com o imprevisto de maneira rápida e lógica. Percebe-se que a desordem e a ordem crescem simultaneamente no seio de uma organização, quando essa se complexifica.

Hoje, a concepção de Turismo conforme proposta por Moesch (2002), ou ainda a visão de Panosso ao falar em fenômeno turístico, traz a impossibilidade de pensá-lo em termos simples. Moesch traz o primeiro paradoxo, percebendo o Turismo como “uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integra-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais” (MOESCH, 2002, p.9), ou simplesmente “fenômeno sociocultural de profundo valor simbólico aos sujeitos que o praticam” (*Idem*, p. 134). Aliando produção e serviço – aspectos ligados à administração e à economia – e a prática social, ambivalência interna encontrada dentro das teorizações de Turismo que tendem a separá-los, a autora traz outras categorias que o constituíram sendo, portanto, necessárias ao seu entendimento.

Panosso (2005), por sua vez, busca a compreensão do Turismo sob a Fenomenologia, falando, portanto, em fenômeno turístico. Segundo ele, “falar do fenômeno turístico significa dizer de uma ação que está acontecendo, que pode ser apreendida pela consciência e que tem uma essência em si” (PANOSSO, 2005, p. 104). A partir disso, o autor traz a noção de aparência que não mais refere à

simplificação e superficialidade. Ambos os autores rompem com as amarras do universo da produção em Turismo, uma vez submetidas ao tempo e ao espaço, evocando compreensões e categorias apartadas dessa ordem e escapando, conseqüentemente, de sua simplificação pela superficialidade de análises baseadas em meras aparências.

Segundo Morin (2008), a complexidade está onde não se pode vencer uma contradição e, assim, o pensamento complexo se impõe ao Turismo e, especificamente, ao Roteiro Turístico, pois a compreensão destes está nas nuances do não vencimento de uma contradição. Portanto, quando Moesch (2002) assume que o conceito de Turismo escapa da superficialidade aparente (PANOSSO, 2005) de tempo e de espaço, precisa-se ter em mente que isso não anula o fato de que simultaneamente o Turismo e o Roteiro Turístico desenvolvem-se, de forma incontestável, em um tempo e um espaço, ainda que agora, quando as sensibilidades dos Sujeitos estejam também inseridas em uma sociedade informacional que navega no século XIX.

#### **SUJEITO E FLUXO: BASES PARA A COMPOSIÇÃO DO ENTENDIMENTO**

Dentro desta construção, colocou-se, de forma latente, uma instigante referência de De Botton (2003) à carência de reflexões filosóficas no campo do Turismo. Segundo ele,

[...] se nossa vida fosse dominada por uma busca pela felicidade, talvez poucas atividades fossem tão reveladoras da dinâmica dessa demanda – em todo o seu ardor e seus paradoxos – como nossas viagens. Elas expressam – por mais que não falem – uma compreensão de como poderia ser a vida, fora das restrições do trabalho e da luta pela sobrevivência. No entanto é raro que se considere que apresentem problemas filosóficos – ou seja, questões que exijam reflexão além do

nível prático. Somos inundados de conselhos sobre lugares *aonde* devemos ir, mas ouvimos pouquíssimo sobre *por que* e *como* devemos ir – se bem que a arte de viajar pareça sustentar naturalmente uma série de perguntas nem tão simples, nem tão triviais, e cujo estudo poderia contribuir modestamente para uma compreensão do que os filósofos gregos chamam pelo belo termo *eudaimonia* ou desabrochar humano (DE BOTTON, 2003, p.17)<sup>5</sup>.

Essa referência à reflexão filosófica sobre o Turismo, ou melhor, sobre o deslocamento e a viagem, trazida por De Botton, tem reflexos diretos no tema central deste estudo: o Roteiro Turístico. Este, da forma como tem sido abordado até agora pelos teóricos, tem sido reduzido à indicação de atrativos merecedores de serem visitados, portanto, ao *aonde* ir. De Botton traz ainda a referência ao Sujeito como pulsão à errância e ao desejo do outro lugar, aspectos que serão retomados mais adiante.

A partir disso, assumindo, então a complexidade como um problema e não uma solução; como aquilo que não pode resumir-se numa palavra mestra, o que não pode se reduzir a uma nova lei ou uma ideia de complexidade (MORIN, 2008), este artigo tentará apresentar, a partir da complexidade, propor um pensamento filosófico sobre Roteiro Turístico que considere o Sujeito do Turismo e, particularmente, incorpore a lógica dos fluxos. Isso justifica o fato de, no presente artigo, enfatizar-se apenas a categoria Sujeito.

O sujeito na visão tradicional da ciência, ou seja, pelo determinismo, faz crer que não há sujeito, se não houver consciência, pois sem esta não haveria autonomia. A autonomia, para a compreensão do Sujeito, estaria no fato de que este se coloca no centro de seu próprio mundo, ocupa o lugar do “eu”

<sup>5</sup> Grifo do autor

(egocentrismo). Apesar de todos poderem dizer “eu”, só se pode dizer “eu” por si próprio. Ninguém pode dizer “eu” pelo outro, nem mesmo irmãos gêmeos (MORIN, 2002).

Conforme ideia já apresentada anterior, chega-se à Complexidade individual, ou seja, quando o Sujeito se coloca no centro de seu próprio mundo, colocam-se aí, também, os “seus”: *seus* pais, *seus* filhos, *seus* concidadãos e são capazes de sacrificar suas vidas por eles. Portanto, “ser sujeito é ser autônomo, sendo ao mesmo tempo dependente. É ser provisório, vacilante, inseguro, é ser quase tudo por si e quase nada pelo universo” (MORIN, 2008, p.96). A autonomia por si só é complexa porque depende de condições culturais e sociais. Depende, alimenta-se da dependência. Para que o Sujeito seja ele mesmo depende de uma linguagem, uma cultura, um saber, uma educação, uma sociedade, um cérebro (MORIN, 2008). Dessa forma, chegamos aqui à ideia de SUJEITO COMPLEXO.

Tomando a noção de autonomia proposta por Morin (2008), a qual se mostra complexa porque depende de condições culturais e, portanto, se alimentando da dependência, pode-se dizer que o Roteiro Turístico ou ainda a Roteirização é, igualmente, autônoma. Da mesma forma que para que o sujeito seja ele mesmo depende de uma linguagem, cultura, saber (MORIN, 2008), o roteiro/roteirização depende do Sujeito, que é igualmente autônomo “sendo ao mesmo tempo dependente” (*Idem*, p. 96). Portanto, o Roteiro enquanto objeto autônomo depende do Sujeito que o concretiza a partir da capacidade de organizar sua mobilidade no tempo e no espaço, valendo-se de conhecimentos prévios proporcionados pela tecnologia, que por sua vez, facilitou para a criação de imaginários e deu ao Sujeito condições para “tematizar” seus Roteiros a partir de seus interesses subjetivos desenvolvidos por suas próprias idéias.

Da mesma forma em que a dependência da autonomia mostra que se depende de uma

educação, de uma cultura, de uma sociedade e de um cérebro, que por sua vez é produto de um programa genético. Os Sujeitos possuem genes que os possuem. Graças a esses genes os sujeitos têm cérebro e capacidade de retirar de uma cultura os elementos que lhe interessam e desenvolver as suas próprias idéias. Assim, o Roteiro é autônomo, *deixar ir com o fluxo*, pela percepção do sujeito que o materializa quando em movimento, errante, mas é também possuído, possuído pelo desejo de outro lugar.

As questões habituais ou as respostas convencionais parecem não dar conta dessas novas questões. O novo espírito do tempo traz consigo um ambiente extremamente permissivo à errância e ao nomadismo, vendo-os como um valor social (MAFFESOLI, 2001). Isso excita o surgimento do que o autor chama de paradoxo posmoderno, em que haveria questões dialéticas entre valores sedentários estabelecidos e as lógicas originadas no nomadismo. Maffesoli (2001) considera que o sujeito posmoderno é marcado por um *drama contemporâneo*, vivido em uma linha tênue e de dialética constante, revelado pelo desejo de evasão (marca do nomadismo) e, ao mesmo tempo, o compromisso de residência (marca do sedentarismo).

A mobilidade é quase uma regra, seja pela sobreposição do movimento ao repouso; seja pela idéia de que a circulação é mais criadora do que a produção, já que o Sujeito põe-se em constante *estado de fluxo*, da mesma forma em que imagens, produtos, mercadorias e idéias também aderem à cultura do fluxo. A partir disso, teria surgido, segundo Santos (2009, p. 328), “a idéia de *desterritorialização*. Desterritorialização é, frequentemente uma outra palavra para designar estranhamento, que também é desculturização”<sup>6</sup>, quando se trata de fluxos migratórios.

---

<sup>6</sup> Grifo do autor

Apesar de se falar em fluxo turístico com naturalidade, os teóricos não se debruçam sobre o entendimento lato do significado do termo. Centeno (1992) argumenta que a substância no Turismo é o fluxo. Gastal (2005b, p.49) afirma que no Turismo “quer nas suas teorizações, quer nas suas práticas de sala de aula, tem[-se] priorizado questões como planejamento e gestão de destinos turísticos”, relegando a viagem, o percurso, o deslocamento a segundo plano. Assim, a pesquisadora argumenta que sero necessário deslocar a discussão do Turismo para os seus fluxos, portanto, a viagem, como principal objeto desse campo de estudo.

Para este contexto, então, fluxo faz referência a coisas que não permanecem no seu lugar, mobilidade e expansões variadas, globalização em muitas dimensões. A proposta de pensar o fluxo dentro do contexto aqui proposto usa como metáfora as correntes ou cursos de um rio, que são capazes de transportar objetos dentro de uma dimensão espacial. No Turismo, para sua análise e reflexão, é importante pensar que os fluxos têm uma direção, que ganham um lugar no espaço e que cruzam pelos chamados não-lugares, ou lugares de nômades, retornando, sempre ao seu ponto de partida, sua origem. Mas ao retornarem, voltam com sua bagagem cultural ampliada e trazem consigo um pouco do legado cultural dos lugares visitados, o que tem como consequência a expansão do ser, ou nos termos propostos neste estudo, a viagem provoca o encontro do Sujeito com outra face de si mesmo, o “*moi*”, para a composição de seu ser estrutural, o “*Je*”.

Compor um pensamento sobre Roteiro Turístico que busque na compreensão de fluxo seu significado maior requer pensá-lo não apenas como cronograma de viagens que agrupa atrativos no tempo e no espaço, mas redimensiona sua questão ao pensar Turismo como Fenômeno e não como

produto e, então, Roteiro em termos processuais e em suas três dimensões.

#### **PARA NÃO FINALIZAR: LIMITES E PROSPECÇÕES**

A nova postura científica, que possibilita o diálogo entre pesquisador e dúvida, dá espaço ao pensamento dialético e complexo, que têm suas bases na incerteza e nos questionamentos, que quebram com os padrões estruturais de *certeza* e de *verdade*, outrora estabelecidos, desordenando-os para buscar fundamentos que levem à construção de uma nova percepção do fenômeno estudado, criando assim uma nova teoria que vigorará até ser refutada pelas novas emergências.

Com bases nisso, tendo as categorias tradicionais e as novas proposições de categorias para analisar o Roteiro Turístico, optou-se por construir a busca por sua compreensão epistêmica, que dê conta das sensibilidades posmodernas, na complexidade, a qual, “devido exatamente ao número das interações, das retroações que nela se situam, com retroações ditas ‘positivas’, acentuam o desvio e devem levar à metamorfose ou explosões, também [gera] incertezas” (MORIN, 2001, 495). Assim, tendo a complexidade como postura epistemo-filosófica que reconhece a desordem e o imprevisto e, por isso, reconhece também a incerteza do conhecimento, o desafio desta construção foi tecer em comum-unidade a incerteza. Nesse sentido, assumiu-se a contradição como complementaridade para a composição desse estágio, tido neste momento, como *final*.

O objetivo aqui foi o de propor uma reflexão acerca da relação entre Roteiro Turístico, Fluxo e Sujeito, balizadas pela complexidade como postura epistemo-filosófica, tentando desvelar as múltiplas facetas de um problema e, pela ambição de examinar o Roteiro Turístico sob um olhar epistemológico, tendo em vista que “as

linguagens privilegiadas para descrever os fenômenos correspondentes, as lógicas concorrentes mobilizam óticas e sistemas de representação totalmente irreduzíveis uns aos outros” (ARDOINO, 2001, p. 484-5), ilustrando assim que a unidade e a diversidade encontram-se conciliadas no seio de uma *unitas multiplex*.

O Roteiro Turístico tem uma realidade *per se*, inerente à sua materialização. Isoladamente, sob o olhar pragmático, ele assume valor de mercado, mas não se pode esquecer que, frente às novas sensibilidades de Sujeitos que navegam pela era da tecnologia da informação, o Roteiro Turístico é dotado também de um valor social, intrínseco a sua existência relacional. Os atrativos (turísticos ou não) asseguram a continuidade do tempo Turístico e da temporalização do Sujeito, o que é garantido pela sucessão dos eventos, dos fluxos, que, por sua vez, mudam o sentido de Tempo, criando novas temporalidades.

O roteiro turístico posmoderno tem autonomia em sua existência, por sua essência corpórea, diferentemente do Roteiro Turístico tradicional que não tem autonomia de significação. A linha que marca a transição de paradigma de Roteiro Turístico do tradicional ao posmoderno é bastante tênue, pois essa mudança de paradigma vem das diversas relações que mantém com os eventos (fluxos). E assim, na terceira esfera do Roteiro, o tempo testemunha a materialidade do Roteiro, sendo, simultaneamente, passado, presente e futuro.

O roteiro turístico posmoderno é ele próprio a expressão atual de experiências e eventos passados e de imaginários no futuro, de olhar o Roteiro não mais sob seu valor sistemático, ou seja, considerando-o como um objeto dentro do Sistema Turístico, como uma síntese do Lugar; mas compreendê-lo sob seu valor absoluto, ou seja, pelas suas características intrínsecas e atributos que o

apresentam como organizador de experiências.

Por analogia à proposta de Kluber (apud SANTOS, 2009), que propõe que se trabalhe com três coordenadas (lugar, idade e sequência) para entender a produção do espaço, indicam-se aqui as três coordenadas que poderiam ajudar do Roteiro Turístico posmoderno: (não-)Lugar (espaço); Seqüência (tempo); e Experiência (Sujeito) que, em consonância, dão margens à organização do fluxo. Primeiro, porque todo Roteiro se materializa no espaço, seja ele fixo (Lugar) ou fluxo (Não-Lugar). O Roteiro Turístico só existe no espaço geográfico, no momento em que ele se instala para ganhar a certidão de empirização.

A segunda coordenada, sequência, é a que aponta com maior rigor à distinção entre o tradicional e o posmoderno, já que a duração física de um roteiro não pode ser completamente conhecida com anterioridade, pois depende do comportamento dos Sujeitos em tal espaço, o que pode apenas ser imaginado pelo operador. A conexão existente entre os atrativos “merecedores” de serem visitados é dada pelo fluxo, ou seja, pela empirização do tempo.

Os fluxos são produto e resultante do espaço, da interpretação do Sujeito Turístico e de suas manifestações particulares. O mundo em movimento supõe uma permanente redistribuição dos eventos e dos fluxos com a valorização diferencial dos lugares. Há ainda aquela seqüência de imaginário à viagem (planejamento do roteiro), materialização do deslocamento no espaço físico, e a construção do *moi*. Essa abre margem à terceira coordenada, a experiência, a qual se baseia na ideia de que é o *instante* que valoriza diferentemente o Roteiro, portanto, depende da compreensão de tempo lento e tempo rápido, e da subjetividade de cada Sujeito, já que a cada momento, o valor da totalidade é mudado em função das percepções do indivíduo. Ou,

seja, nada mais de panorama, somente uma visão, percepções, em que o tempo vem à tona antes de “desaparecer”, passando da cronologia a uma duração de tempo que se expõe instantaneamente.

Essa relação é clara no Roteiro Turístico Posmoderno, que dá margens ao imprevisto, pois abre espaço à processos que são negados no roteiro tradicional, cujo foco está em assegurar a incidência do acontecer. O roteiro turístico pós-moderno assume a possível mudança das funções das coisas. Essa migração de valores não é aleatória. Ela revela as determinações pelas quais o roteiro tradicional busca encaixar-se nas formas preexistentes e criadas, podendo somente ser entendido como um modelo espaço-temporal.

#### REFERÊNCIAS

- CASTELLS, M. **A sociedade em rede** (A era da informação): economia, sociedade e cultura). São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CENTENO, R.R. **Metodología de la investigación aplicada al turismo**. México: Trillas, 1992.
- CZIKSZENTMIHALYI, M. **Flow**. New York: Harper & Row, 1990.
- CZIKSZENTMIHALYI, M. **Flow**: The Classic Work on How to Achieve Happiness, Rider, London: 2002
- DE BOTTON, Alain. **A arte de viajar**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- GASTAL, S. **Imagens e imaginários**
- GASTAL, S. **Nomadismo e turismo**: Viagem como vida no espaço. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Análises regionais e globais do turismo brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005b.
- GASTAL, S. e MOESCH, M. M. **Turismo e políticas públicas e cidadania**. São Paulo: Aleph, 2007 (Coleção ABC do Turismo).
- HANNERZ, U. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. In: **Mana**. vol.3, n.1, 1997. pp. 7-39.
- KNAFOU, R. Turismo e território: por uma abordagem científica do turismo. In: RODRIGUES, A. A. B. (org) **Turismo e geografia**: Reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: AUCITEC, 1996.
- MAFFESOLI, M. **Sobre o nomadismo**: vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MOESCH, M. **A produção do saber turístico**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- MORIN, E. Os desafios da complexidade. In: MORIN, E. **O desafio do século XXI**: religar os conhecimentos. 3ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.
- PANOSSO NETTO, A. **Filosofia do turismo**: teoria e epistemologia. São Paulo: Aleph, 2005.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4 ed. 5 reimp. São Paulo: Edusp, 2009.